melle pegárão na Henriade, e desde o primeiro até ao ultimo verso a annotárão, que lhe descobrírão todos os erros grammaticaes, e poeticos, em que Voltaire tinha cahido. Isto tão longe está de injuriar, e insultar os Authores (como com tanta barbaridade me tem feito a mim, enchendo esta Capital de Libellos infamatorios) que antes aproveita aos Escritores criticados, porque podem proceder com mais circunspecção nas suas ulteriores producções, e não se deixarem illudir tanto de sua mesma vaidade, e amor proprio, que tantos despenhos causa nos Literatos. O Traductor do 1.º Livro da Illiada (seja quem fôr, porque anda isso em letigio, e os dois se descompoem mutuamente) me tem insultado com injurias taes, que as não soffre o papel para serem lidas, com desmedida ingratidão, porque fazendo-lhe eu grandes elogios, (e impressos) para o animar, porque o louvor excita, a paga são afronto-

zissimos Sonetos espalhados pelos Botequins de Lisboa. He coisa digna até de lagrimas; que não havendo hum só homem que tenha recebido de mim mal algum individual, todos me insultem e ataquem, sem outro crime mais, que dizer o que diz a Folhinha --- morreo a 4 de Agosto de 1578, e agora novamente, porque em os Soliloquios desenterro algumas idéas velhas, espalhadas aqui, e alli por Livros ignorados, o que fez Plinio, e protesta Buffon que tambem fizera.

„ *Vetustis novitatem dare, absoletis nitorem.*

Ora pois ahi vai huma bem moderada retribuição.

Eadem mensura, qua mensi fuerites remetietur vobis.

A ORPHÃ
DE
GENEVRA:

Melodrama em 2 Actos

PARA SE REPRESENTAR

NO REAL THEATRO

DE

S. CARLOS.

LISBOA:

NA TYPOGRAPHIA LISBONENSE.

Largo do Conde Barão N.º 21.

1837.

ARGUMENTO.

A Marqueza de Ligni, Dama riquissima de Genevra teve uma filha de um clandestino matrimonio, que por consideração de familia não deu a publico, e a educou em propria casa como menina por ella acolhida com o supposto nome de Amina. Proxima a morrer deixou-a herdeira de quanto possuia, e revelando o arcano do seu nascimento ao Cavalheiro Gualter, de cuja probidade não duvidava, confiou a elle todos os papeis que provavam os direitos que a joven Orphã tinha aos bens maternos. Mas Gualter enamorado de Amina, e ao mesmo tempo ávido da pingue herança, occultou os papeis, e colligou-se com os parentes da fallecida Marqueza, os quaes acusavam Amina de haver fabricado um falso testamento. Ignara a innocente das insidias do perfido, sem conhecimento de litigios e confiada sómente no defensor que lhe havia procurado a sua bemfeitora, foi condemnada como falsaria a uma perpetua prisão, e constrangida a fugir para Genevra. Gualter então, que a seguio, revelou-lhe o seu amor, offereceo-lhe a sua mão, e prometteo-lhe acceitando-a, de fazer revogar a injusta sentença por meio de provas

que só elle conhecia. A tal proposição descobrio Amina a sua perfidia, e recusando unir-se ao trahidor, secretamente fugio delle, e debaixo do fingido nome de Thereza, buscou asylo em uma aldeia, onde Everardo, preceptor do paiz, e director de um piedoso estabelecimento a acolheo e empregou na qualidade de governante em casa da Condessa de Senange. Pouco tempo depois tornou-se ella tão querida da Dama, e de seu joven filho, que foi a este destinada esposa, mas a infeliz vio-se exposta a uma cruel alternativa: ou de callar-se e enganar por tal modo os seus bemfeitores, ou declarar-se e expôr-se então a ser expulsa. Se confiou por tanto ao generoso Everardo, o qual persuadido da sua innocencia, aconselhou-a de callar-se, e de adherir ao matrimonio; pois que em breve tempo se teria elle transferido a Genevra, e haveria tentado de fazer annullar a injusta sentença. Mas Gualter veio desconcertar o virtuoso projecto. As novas tramas do perfido, e o perigo ainda mais grave da innocente Amina, formam o enredo deste Melodrama.

INTERLOCUTORES.

A CONDESSA DE SENANGE,
S.ª Clara Colls.
CARLOS, seu filho,
Sr.ª Rosalia Ripamonti.
AMINA, debaixo do nome de Thereza,
Sr.ª Julia Galvi Neuhaus.
CAVALHEIRO GUALTER,
Sr. José Piantanida.
EVERARDO, Mestre de escóla da Aldeia.
Sr. João Baptista Campagnoli.
BARILONE, Feitor,
Sr. João Savio.
PICCARDO, Estribeiro.
Sr. Caio Ekerlin.
MATHEUS, irmão de Barilone,
Sr. Carlos Crosa.

COROS E COMPARSAS.

Camponezes de ambos os sexos, e Soldados.

A Scèna se finge no Castello da Condessa, nas visinhanças de Sciaffusa, cidade da Suissa.

A Musica é do Sr. Luiz Ricci.

ATTO PRIMO.

SCENA I.

Parco nel Castello.

Alcune villanelle attraversano la scena, e s' contrano in alcuni villani.

UOM. Ehi ragazze!
DON. Cos' é stado?
UOM. Non sentite il caso bello?
DON. Quale, quale?
UOM. Che aspettato
E' il Contin nel suo castello;
E si dice, si discorre,
Ch'egli venga espressamente
Per concluder, per disporre
Le sue nozze....
DON. Allegramente!
UOM. Si; va ben... ma, indovinate
Il Contin chi sposerá.
DON. Chi?
UOM. Teresa!
DON. Eh via!... scherzate...
UOM. Oh! per bacco!... in veritá.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Parque no Castello.

Algumas camponezas atravessam a scena, e encontram-se com camponezes.

HOM. Raparigas!
MUL. Que ha de novo?
HOM. Não sabeis o que acontece?
MUL. Ah! dizei-o
HOM. Que esperado
No Castello é o joven Conde,
E se diz, passa por certo
Que elle chega expressamente
A concluir a combinar
As suas nupcias....
MUL. Muito bem!
HOM. Sim, mui bem, mas não sabeis
Quem vai elle desposar.
MUL. Quem?
HOM. Thereza!
MUL. Ah não!... zombais
HOM. Não zombamos, é verdade!

DON. A una donna senza nome,
Giunta qua non si sa come,
Dará il Conte un tanto bene?...
Baje baje!.. falsitá.

UOM. Da Piccardo, che qui viene,
Or la cosa si saprá.

DON. Si, da lui... da lui,.. va bene!
Or il caso si saprá.

SCENA II.

PICCARDO, *e Detti.*

PIC. Presto, amici, il tempo vola:
La Contessa é qui a momenti.

CORO. Ehi! Piccardo... una parola...

PIC. Cosa c'é?

CORO. Noi siam prudenti...

PIC. E da me saper vorreste (*interrompendoli*)
Se Teresa al Conte é Sposa?...
Si, signori! — Or che il sapeste;
C'é in contrario qualche cosa?

CORO. Nulla inver... ma, una straniera.
Senza nome...

PIC. ... Cosa fa?
Una donna come questa,

MUL. Como póde a uma mulher,
Que de si fama não tem
Dar o Conde tanto bem,
Isso é peta é falsidade.

HOM. De Piccardo que aqui vem
Vamos tudo nòs saber.

MUL. De Piccardo, sim, pois bem,
Vamos tudo nós saber.

SCENA II.

PICCARDO, *e Ditos.*

PIC. Eia, amigos, corre o tempo,
A Condessa vai chegar.
CORO. Ah! Piccardo uma palavra....
PIC. Que quereis?
CORO. Somos prudentes.
PIC. Vós de mim saber quereis
(*interrompendo-os.*)
Se é Thereza ao Conde esposa?
Sim, agora que o sabeis
Que vos ha-de isso importar?
CORO. Nada, não... mas é estrangeira,
Sem renome.....
PIC. Isso que faz?
Rapariga como é esta,

Cosi buona, cosi onesta,
Di si amabile maniera;
Anche un Conte onorerá:
E il connubio questa sera
Col Contin si stringirá.

CORO. Egli é un Conte... in tal maniera
Puó saper quel che si fa.

TUTTI.

PIC. Venite affrettate,
Miei Cari, al castello:
Un giorno piú bello
Spuntar non potrá,
Evviva! gridate,
Valore e beltá!

CORO. Le gambe da loro
Giá vanno saltando;
Che valtzer nel petto
Sta il core ballando!
Per gioia il cervello
In aria sen va.
Evviva, gridiamo,
Valore e beltá.

PIC. Andiamo dunque, andiamo; avrete tempo
Di ballar, di saltar quanto vorrete!
Voi pur, voi ben sapete,
Che quando la Contessa é al suo castello,

Tão affavel, tão honesta,
De outra a par póde de um Conde
Os affectos captivar
Esta noite o matrimonio
Vai sem falta celebrar.

CORO. Elle é Conde, isso é bastante
Para nunca se enganar.

TODOS:

PIC. Eia, queridos
Correi ao Castello
Um dia tão bello
Jámais se gozou.
Ah! viva exclamai
Belleza e valor!

CORO. As pernas anciosas
Estão já dançando,
No peito pulando
Está o coração,
O juizo do miolo
Se vai ausentar.
Ah! viva exclamemos.
Belleza, e valor!

PIC. Pois então appressai-vos, tereis tempo
De dançar, de pular quanto quizerdes!
E vós tambem sabeis
Que achando-se a Condessa no Castello,

Non si bada a miseria, e economia.
Pria faccian quanto occorre... indi...
allegria!
(*Parte co' Villici.*)

SCENA III.

BARILONE *con ceste, in cui frutta, erbaggi etc.*

BAR. Sempre allegro è contentone
Barilone — deve star.
Se ho dei guasti, dei malanni
Sul granajo, in casa mia,
Alla sorte ingiusta e ria
Io la barba soglio far.
Se ho dei debiti... che importa?
Questa é moda... e si conforta;
Che pei debiti la gente
Mai si suol disonorar.
Se un pò lacero ho il vestito
Stó più fresco e niun mi guarda;
Se mi sento un pò appetito,
Vo piantando l'alabarda,
E la vita allegramente
Cerco sempre di campar.
Io per me stò sempre allegro,
Nella tazza mi rintegro.
Se va ben, vada pur bene,

Não entra aqui miseria, e economia.
Trabalhemos, depois haja alegria.

SCENA III.

BARILONE *com cestos de fruta, e hortaliça.*

BAR. Sempre alegre, e satisfeito
Barilone deve estar.
Se prejuizo estou soffrendo
No celleiro, em minha casa,
Eu contente vou vivendo,
Da fortuna sei zombar.
Tenho dividas... que importa?
Esta é moda, e se comporta;
Que por dividas a gente
Nunca é justo deshonrar.
Se o vestido tenho roto
Ninguem olha para mim,
Se me falta de comer,
Vou de mofo a pança encher.
Satisfeito sempre assim
Eu consigo de viver.
Eu cá sempre alegre estou,
Com o copo bem me dou.
Se vai bem, muito que bem,

Se va mal... salute a me.
V'é una giunta maladetta;
Che vo' dirla a voci basse:
Quando sono un pò in bolletta
C' è del guasto per mia fé.
Bella vita, se durasse,
Saria questa in ver per me.
Sì concluda a tu per tu,
Che se ho meno godo più.
E con me non può fortuna
Guadagnarla in veritá.
Là ella suona, io ballo qua.
Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
Vispo, allegro e contentone
Barilone ognor sará. —
Io la penso cosí; se penso male,
Me lo perdoni il cielo.

SCENA IV.

PICCARDO, *e Detto.*

PIC. Oh! Barilone!
BAR. Oh! Piccardo... amicone!...
PIC. Tu al Castello?
BAR. Cos'è? c'è maraviglia?
Quando si fan sponsali, io vi son sempre.

Se vai mal, saude a mim
Mas porém quando me acho
Sem vintem; de todo em baixo,
Dillo-hei muito de vagar,
Só então fico a scismar.
Melhor vida, se durasse,
Eu não posso desejar.
Finalmente assim concluo
Gozo mais que não possuo,
Nem comigo póde a sorte
Esperar de combatter.
Ella aí toca, eu danço aqui
Lá! lá! lá! lá! lá! lá! lá!
Lesto, alegre, e Satisfeito.
Barilon sempre será.
Eu quero assim pensar, se penso mal
Peço perdão ao Ceo.

SCENA IV.

PICCARDO *e Dito.*

PIC. Oh Barilone!
BAR. Oh! Piccardo... amigaço!...
PIC. Tu ao Castello?
BAR. Porque isso admira-te?
Nunca a funcções de matrimonios.

Son vecchio, allegro, e, detto in confidenza,
Il ben d'altrui lo tengo come mio.

PIC. Brav' uomo!...

BAR. Grazie! grazie!... amici siamo

PIC. Vieni dunque al Castel?...

BAR. Sí; andiamo, andiamo!
(*Partono.*)

SCENA V.

EVERARDO.

Ella parlar mi vuole: esser fatale
Ogni indugio potria
O figlia! figlia mia
Il tuo padre d'amore ha letto appena
Il foglio tuo; che dé molt'anni ad onta,
A te volò. Palesami il tuo core,
Io ti consiglieró. — Giá sul tuo volto
Un'incerta vedea nube d'affanno....
Nell' etá mia canuta io non m'inganno.
Di quegli occhi il bel sereno
Par che sveli ignoto affanno:
Tu mi celi, io non m'inganno,
Un segreto palpitar.
L'ocean che detto é mondo

Sou velho, e alegre, e dito em confidencia,
Considero o bem d'outrem como meu.

PIC. Bello homem!....

BAR. Obrigado, amigos somos.

PIC. Vamos pois ao Castello.

BAR. Vamos, vamos!

(*Partem.*)

SCENA V.

EVERARDO.

Ella fallar me quer; ser-lhe fatal
Qualquer demora póde,
Oh filha! oh filha minha!
O teu pai d'affeição tem lido apenas
Tua carta que apezar da sua idade
A ti correo. Revela-me o teu peito
Eu te consolarei. Já no teu rosto
Da tua alma descubro afan tyranno,
Que por longa experiencia eu não me engano.

Desses olhos a brandura
Dor parece revelar:
Tu me occultas, não me illudo
Um secreto palpitar.
O oceano um mundo dito,

Io solcai col mio naviglio;
E potró col mio consiglio
Far che sfidi il nembo, il mar.
Speranza tenera
Ti brilli in petto.
Trarti dal turbine
Io ti prometto:
V'é un Nume in cielo
Ch'ode i lamenti,
Né agli innocenti
Nega pietá.
Nó, nó, non piangere,
Svela le pene;
Io faró riedere
L'ore serene,
Come rugiada
Che molle cada
Dovrá discendere
Tranquillitá.
Avvisate Teresa che Everardo (*ad un Paesano che poi parte.*)
Del villaggio il maestro,
E' pronto ad ascoltarla. Oggi s'aspetta
Del giovin Conte l'amorosa madre,
Che le nozze del figlio con Teresa
Qua viene a stipular. Qual mai profondo
Arcano duol l'affanna?... io mi confondo.

Já sulquei no meu navio;
Meu conselho o mar bravio
Vai agora desafiar.
Em ti alimenta
Terna esperança
Da cruel tormenta
Te livrarei.
Nume ha clemente
Que houve os queixumes,
Que do innocente
Sente piedade
Emxuga as lagrimas,
Mitiga a pena,
Do dia prepara-se
A luz serena,
Qual doce orvalho,
Quando a nós desce
A ti apparece
Tranquillidade.
Adverti Thereza que Everardo,
(*a um Camponez que depois parte.*)
O preceptor da aldeia,
Disposto a ouvilla está. Hoje se espera
Do joven Conde a carinhoso mãi,
Que o consorcio do filho com Thereza
Já vem estipular. Ah! qual profundo
Tormento a desespera!.. eu me confundo.

SCENA VI.

Detto, Coro, *poi* Amina.

Coro La Donzella innamorata
A te vola, affretta il pié.
Spunta l'alba fortunata,
Pur tranquilla ancor non é.
Ma, tu saggio, tu prudente;
Puoi quell'alma consolar,
Ché in un dí cosí ridente
E' delitto il sospirar.
Ami. Ah! padre.
Eve. Figlia mia!
Ami. Sento in vedervi
D'insolito piacer balzarmi il petto:
Da voi la vita in questo giorno aspetto.
In pensar che i giorni miei
Fur sortiti a eterno pianto,
Che in un punto ho Dio! perdei
Della speme il dolce incanto,
Non s'allegra il mio pensiero,
Nella gioja dell'amor;
Ma da voi soltanto io spero
Un conforto al mio dolor.
Coro Dará posa un tal pensiero
Agli affanni del tuo cor.
Ami. Ah! Carlo... deh! vieni:

SCENA VI.

Dito, Coro, *depois* Amina.

Coro. A donzella enamorada.
A ti voa, dirige o pé.
Rompe a aurora affortunada,
Mesmo assim leda não é.
Mas tu sabio, tu prudente
Ella podes consolar.
Não é certo conveniente
Em tal dia de suspirar.
Ami. Ah! pai.
Eve. Oh minha filha!
Ami. Provo em ver-vos
Por incrivel prazer pular meu peito:
De vós a vida neste dia espero.
Em pensar que devo os dias
Consagrára eterno pranto,
Que perdi n'um só momento
Do socego o doce encanto,
Não se alegra o pensamento
Em gozar um terno amor.
Mas de vós sómente espero
Um conforto á minha dor.
Coro Acalmar tal pensamento
Vai a tua pungente dor.
Ami. Appressa-te, ó Carlos,

T'affretta, mio sposo.
Tu l'alma sostieni,
Che anela al riposo:
Dai mali respiro
Se vivi con me.
La luce ch'io miro
Mi viene da te,

CORO Scemato il martiro
Lei vede per te

EVE. Se giunge la Contessa ci avvisate
(*ai villici che partono.*)
E tu sospiri, o figlia?

AMI. Ah! questa nozze...
Crudo destin mi vieta....
Fremereste d'orror....

EVE. D'alcun delitto
Saresti tu mai rea?

AMI. Sono innocente....
Ma sventurata assai!

EVE. Spiegati!

AMI. Udiste mai
Amina rammentar?

EVE. L'empia, che volle
Con falso testamento
I parenti spogliar d'una Marchese,

Ah! vem, meu esposo
Minh'alma aviventa
Que anhela repouso:
Dos males respiro,
Se vives comigo.
A luz que admiro
Recebo de ti.

CORO Ceder seu martyrio
Vê, Carlos, por ti.

EVE. Se a Condessa chegar, dai-nos aviso
(aos Camponezes que partem.)
Do teu consorcio é o dia,
E tu suspiras, filha?

AMI. Ah! que estas nupcias
Sorte cruel me veda...
Bramarieis de horror...

EVE. De algum delicto
Serias tu criminosa?

AMI Sou innocente...
Mas nimio infeliz! —

EVE. Explica-te.

AMI. E's lembrado
De Amina ouvir fallar?

EVE. A impia que quiz
Com falso testamento
Os parentes desherdar de uma marqueza

Che l'accolse fanciulla e abbandonata;
In fine condannata
Ad eterna prigion?... ma, pur tremi?
Perché nascondi il volto?

AMI. Quel Amina son io!...

EVE. Stelle!... che ascolto!

AMI. Parlar non posso... in questo (*dandogli un foglio.*)
Fin da jeri i miei casi
Vi espressi e i miei pensieri. —

EVE. (*Legge*) " Citata in giudizio come rea, " ricusar voleva la fatale ereditá; ma " il Cavalier Gualtiero, parente della " morta Marchese, s'offerse qual mio " difensore. Schietta stimai l'offerta: " Mi vietó di comparire al Tribunale, " mi celó quanto accadeva, e senza " che mi udissero fui condannata. Esso " col pianto agli occhi mi agevoló la " fuga, ed il perfido allora mi si sveló " innamorato. Cadde il velo, ma tardi: " l'odiai, lo sprezzai, mi sottrassi da " lui. — Qua venni, ed in voi ho trova- " to un tenero padre... Ah! siatelo " sempre, e non abbandonate una vit-

Que misera a acolheo, abandonada;
E em fim foi condemnada
A perpetua prisão?..mas porque tremes?
Porque escondes o rosto?

AMI. Pois essa Amina eu sou!..

EVE. Oh Ceo! que escuto!

AMI. Não posso proseguir
(entregando-lhe um papel.)
Desde hontem vos contei
Meus males, minha sorte.

EVE. (*Lê.*) "Notificada em juizo como ré, queria recusar a fatal herança mas o cavalheiro Gualter parente da fallecida Marqueza, offereceo-se qual meu defensor. Julguei sincero o offerecimento: Prohibio-me de comparecer ao Tribunal, occultou-me quanto acontecia, e sem que me ouvissem fui condemnada. Elle com o pranto nos olhos facilitou a minha fuga, e o perfido então revelou-me a sua amorosa paixão. Cahio o véo, mas tarde, desprezei-o e fugi delle. Busquei aqui um asylo, e achei em vós um terno pai...Ah! sede-o sempre e não abandonai uma victi-

" tima innocente un'orfana desolata
" nell'infelicissima
Amina..."

Innocente ed oppressa!

EVE. Ti salverò!

AMI. Ma intanto
Deggio svelarmi alla Contessa o forse
La man del Conte ricusar?

EVE. Sarebbe
Inprudenza fatale; e quai potresti
Alla repulsa tua trovar pretesti?
Odi: lasciar tu dei
Gli sponsali compir, essi non sono
Come le nozze sacri. Anzi che sorga
Il nuovo giorno, io condurrotti in salvo.
Ivi starei finché nuova Sentenza
Non ti renda l'onor. Penserò poi
Come il Conte avvertir dei mali tuoi.

AMI. Oh! nobil cor!

EVE. Frattanto
Schiudi alla gioja il petto, e a Dio ti volgi:
Degli afflitti le preci egli riceve..

ma innocente, uma orphã desolada
na infelicissima
Amina."

Innocente, opprimida!

EVE. Te salvarei.

AMI. Mas devo
Com tudo á Condessa revelar-me,
A mão do Conde rejeitar?

EVE. Seria
Imprudencia fatal, e quaes achar
Pretextos á recusa poderias?
Ouve: deixar tu deves
Cumprir os esponsaes, elles não São
Como as nupcias sagrados. Conduzir-te
Em salvo eu saberei antes que rompa
O novo dia, espera alli que obtenha
Revogar a sentença. Eu cuidarei
O Conde advertir dos males teus.

AMI. Oh nobre peito!

EVE. Em tanto
Entrega-te ao prazer, e em Deus confia,
Elle os rogos dos miseros recebe.

In lui t'affida . . . addio . . . verró
fra breve. (*parte.*)

SCENA VII.

AMINA, *poi* GUALTIERO.

AMI. Più l'istante s'appressa,
Piú vacilla il mio cor!
GUA. Eccola . . . è dessa!
Or non mi fugge più.
AMI. Carlo adorato!
A svelarti l'orribile mistero,
A mio dispetto, il duolo mi tra-
scina . . .
Ah! . . chi vegg'io? . . Gualtiero!
GUA. Io stesso, Amina!
AMI. Ah! . . questo nome . . . .
GUA. E' il vostro.
AMI. E qui vol te? . .
GUA. Sposarvi, o palesarvi . . risolvete.
AMI. A vostri pié . . .
GUA. Sorgete. Qui siam soli:
In questa man sta il vostro fatto.
Io posso
Ritornarvi innocente, e ricca!
AMI. Ah! dunque . . . .
GUA. Esigo un patto solo:

Confia-te nelle ... adeus ... eu prestes volto. (*parte.*)

SCENA VII.

AMINA, *depois* GUALTER

AMI. Mais o instante se apressa,
Mais vacilla meu peito
GUA. E' a mesma, é ella!
Já não me foges tu.
AMI. Amado Carlos!
A revelar-te o execrando arcano
Me arrasta a meu pezar a minha dor ...
Ah! quem vejo eu?.. Gualter!
GUA. Eu mesmo, Amina!
AMI. Ah! este nome...
GUAL E' o vosso.
AMI. E que quereis?
GUAL. A mão, ou revelar-vos, resolvei.
AMI. A vossos pés...
GUAL. Erguei-vos. 'Stamos sós.
Esta aqui a vossa sorte. Eu posso
Fazer-vos innocente, e rica!
AMI. Ah! pois...
GUAL. Exijo um pacto só:

Che a me restiate in sacro nodo
unita:
Mia sposa....

AMI. Ah! prima.. io perderó la vita.

GUA. Giura a me che ad altri mai
Non darai la fè, la mano:
O il tuo core a brano a brano
Quest'acciar strappar saprá.

AMI. Ah crudel! non sei contento?
Fredda, esanime mi vuoi?
Deh! risparmia i colpi tuoi,
Che il dolor mi ucciderá.

GUA. T'amo.

AMI. Invano!

GUA. Se mia tu sei
Alla speme é schiuso il córe.

AMI. No; chè più del tuo furore
L'amor tuo gelar mi fa.

a 2.

GUA. Quell'alma prepara
All' pianto, all'affanno,
Se amante mi sprezzi,
Paventa il tiranno:
Io sino alla morte
Straziare ti vó.

AMI. Avvezza quest'alma
Al pianto, all'affanno,
Amante ti sprezza,

Que a mim sejais em sacro laço
unida,
Minha consorte...

AMI. Ah antes quero a morte.

GUAL. Jura a mim que a mais ninguem,
Tu lealdade guardarás;
Ou rasgar-te tu verás
Este ferro o coração.

AMI. Ah cruel! não 'stás contente?
Fria, exanime me queres?
Poupa ah! poupa os golpes teus
Minha dor me matará

GUA. Te amo.

AMI. Em vão!

GUA. Se minha és tu
Vai a esp'rança renascer.

AMI. Não que mais do teu furor,
Teu amor me faz tremer.

A 2.

GUA. Ess'alma prepara,
A's penas, á dor,
Receia vingança
Negando-me amor.
Em quanto viveres
Te vou amargurar,

AMI. Minh'alma já affeita
A's penas, á dor
Despreza teu odio

Ti sfida tiranno;
Se parli d'affetto, mi desti dispetto
Ed oltre la tomba—odiarti saprò.

GUA. Ma trema, superba! —

AMI. Tremare non so. —

a 2.

GUA. Quel folle orgoglio - cosí ostinato
Sará domato - dal mio furor.

AMI. Un core intrepido - non cede al fato,
Nè sia cangiato - dal tuo furor.

GUA. Della vendetta - che il cor m'alletta
Tutte le furie - mi sento in cor.

AMI. Io della sorte - saró più forte,
Saprò deluderti, - sprezzarti ognor.
[partono per lati opposti.]

SCENA VIII.

Camera nell Castello.

CONTESSA, CARLO, BARILONE, VILLICI, SERVI.

CON. Itene, amici, avrà mercede il vostro
Tenero affetto! —

Não quer teu amor
Se fallas de affecto — Tu raiva me inspiras
Que além da existencia — Eu devo-te odiar.

Mas treme, soberba!
Não sei já tremer.

A 2.

GUA. Tão louco orgulho — Exacerbado
Será humiliado — Por meu furor.
AMI. Um peito intrepido — Não cede ao Fado
Será animado — Por teu furor.
GUA. Já de vendicta — se nutre a alma;
Todas as furias — eu sinto em mim.
AMI. Da acerba sorte — serei mais forte
Por ti desprezo — sempre terei.
(*Partem por oppostos lados.*)

SCENA VIII.

Quarto no Castello.

CONDESSA, CARLOS, BARILONE, *Camponezes, Creados.*

CON. Retirai-vos, amigos, pelo vosso Affecto!...

SCENA IX.

AMINA, EVERARDO, *e* DETTI, *in fine* PICCARDO.

AMI. Oh! madre, madre mia!
Un cosí dolce nome
Sul labro innamorato
Ora spinge il mio core;
Parla il rispetto, ma trionfa amore. —
CON. Si, figlia mia, sarai sempre mia figlia.
AMI. Carlo!
CAR. Teresa! (*S'abbracciano.*)
CON. E voi buon Everardo,
A che non v' appressate? — Appien felice
Voi la vedrete in breve.
Ma — onde mesta cosí?
AMI. Fin da prim'anni
Avvezzata agli affanni,
Tanta felicitá mi sembra un sogno
Amar... saper... tacere... Oh! qual tormento!
EVE. (Incauta! ti tradisce il tuo spavento.)

SCENA IX.

AMINA, EVERARDO, *e Ditos depois* PICCARDO.

AMI. . . . Oh minha mãi!
Um tão querido nome
Meu peito enamorado
Aos labios meus confia;
Falla o respeito, mas triumpha amor.
CON. Sim, chara, serás sempre minha filha.
AMI. Carlos!
CAR. Thereza! (*abraçam-se.*)
CON. E vós bom Everardo,
Porque não vos chegais? vòs brevemente
A vereis satisfeita.
Mas tão triste... porque?
AMI. Affeita ás penas
Desde a mais tenra infancia
Tanto bem me parece agora um sonho.
Amar... saber... calar... oh qual tormento
EVE. Incauta! te atrahiçoa o teu temor!

SCENA X.

PICCARDO, *e Detti, indi* GUALTIERO.

PIC. Eccellenza il Notar nella gran sala
Impaziente v'attende....
CONT. Eccomi a lui.
Miei figli, l'istante sospirato
E' giunto alfin. Si stipuli il contratto:
Figlia, figlia, fa cor....
CAR. Cara Teresa.
AMI. Carlo adorato.
EVE. Andiamo.
CONT. Felici, o cari figli miei qual fui
Voi siate.
AMI. L'empio é lungi
Andiam.
CONT. Si, andiam.
GUAL. Fermate.
AMI. Ah!
EVE. Chi sei tu? qual mai proggetto,
Ti conduce in questo tetto?
Il piacer d'una famiglia
In tal guisa a funestar?
GUAL. Costei cerco, e vuó costei.
CON. } EVE. } Chi?.., Teresa!...
GUAL. Ell'é....

SCENA X.

PICCARDO, *e Ditos depois* GUALTER.

PIC. O Notario impaciente no salão
Vos espera, excellencia....
CON. Já lhe fallo.
Meus filhos, o momento suspirado
Em fim chegou. Estipule-se o contracto:
O' filha vamos pois....
CAR. Chara Thereza.
AMI. 'Stá longe o impio.
Vamos.
CON. Vamos.
GUA. Parai.
AMI. Ah!
EVE. Quem és tu? por qual motivo
Tu aqui vieste penetrar?
O prazer de uma familia
Deste modo a funestar?
GUA. Esta busco, e a pertendo
CON. } Quem?.. Thereza!..
EVE. }
GUA. Ella....

AMI. Tacete.
Io verró: Dé giorni miei,
Di mia pace disponete.
EVE. Qual parlar!
CON. Ah! nó; fermate.
Servi: il passo a lui vietate.
GUAL. Sciagurata! e che pretendi?
Sappi alfin chi mài difendi!
CAR. Chi favella?....
GUAL. Leggi.
AMI. EVE. ....(Oh Ciel!)
CON. CAR. } Ella é Amina.
AMI. (Oh mio rossor.)
CON. CAR. Non rispondi?
AMI. Io son di gelo.
GUAL. Ella é mia, mi brilla il cor.
AMI. CON. CAR. EVE. } Per lo stupor mi manca il cor.
AMI. Ah! non ho valor bastante
A tal colpo atroce e fiero
E non resta che il pensiero
Di morire di dolor.
CAR. (*Alla Con.*) Deh! Sospendi un solo istante
A dar fede ad uom straniero,
E rifugge il mio pensiero
All' idea di tanto orror.

AMI. Calai-vos.
Eu irei. Da minha vida,
Sois senhor do meu socego.
EVE. Que expressão!
CON. Ah! não, parai
A saída se lhe vede.
GUA. Insensata! e que pertendes?
Sabe alfim quem tu defendes!
CAR. Mas quem falla?
GUA. Leis.
AMI. } (Oh Céo!)
EVE. }
CON. } Ella é Amina.
CAR. }
AMI. (Oh pejo meu!)
CON. CAR. Não respondes?
AMI. (Sou de gelo.)
GUAL. (Ella é minha, eu exulto.)
AMI. CON. } Jaz oppresso o coração.
CAR. EVE. }
AMI. Ah! não tenho em mim valor
Para golpe tal soffrer,
Só me lembra que de dôr,
D'afflicção hei-de-eu morrer,
CAR. (*A' Con.*) Ah! Suspende um só instante,
Não te fies n'um estrangeiro,
Que não póde mente humana
Conceber tamanho horror.

EVE. Vuota almeno un cor costante
Del dolore il nappo intero;
Forse in fondo il bel pensiero
Fia per te serbato ancor.

CON. Ah! chi mai nel suo sembiante
Scopre appien palese il vero,
Chi non crede sia sincero
Il suo pianto, il suo pallor!

GUA. (Io trionfo, e son tremante
Tutto ottengo, e ancor dispero,
Ti rinfranca, ardir Gualtiero!
Forse avrai vendetta, ancor.)

CON. Signor: qualunque siate,
Che l'onor mio salvate,
Togliete al mio cospetto
Questo fatale oggetto.
La casa di Senange
Asilo ai rei non é.

CAR. Ah! madre mia....

CON. Ti frena.

CAR. Pietá.

CON. Saria funesta.

AMI. Scacciata io sono... oh pena!
Io muojo di dolor.

GUA. Seguimi dunque....

EVE. Arresta
Non appressarti....

GUA. Come?

EVE. Vasa o calix da amargura,
Dor acerba, todo inteiro,
Que nem sempre a infamia dura,
Póde a sorte inda mudar.

CON. Ah! quem póde em seu semblante
Do delicto a mancha ler,
Quem não julga ser sincero
O seu pranto o seu soffrer!

GUA. Eu triumpho e stou a tremer,
Tudo alcanço e nada espero,
Eia pois, valor, Gualter,
Que vingança tu terás.

CON. Senhor: quem quer que sois
Que a honra me salvais,
De mim longe affastai
O objecto a mim fatal.
A casa de *Senange*
Asylo aos reos não é.

CAR. Ah! minha mãi....

CON. Detem-te

CAR. Piedade!

AMI. E' infausta a nòs.

AMI. Repulsa eu sou... oh pena!
Succumbo a tanta dor.

GUA. Segue-me pois...

EVE. Suspende.
Não tenhas pressa....

GUA. Como?

EVE. Io te lo impongo in nome
Del Ciel che legge in te.
Tu sei Gualtiero?
GUA. Ahime!
EVE. Al mio paterno zelo
L'ha confidata il Cielo;
Io scopriró, madama,
D'un traditor la trama,
E forse il dí s'appressa,
Che l'innocenza opressa,
Dove riceve oltraggio,
Omaggio ancor avrá.
GUAL. A quei detti, a quell' aspetto
M'abbandona l'ardimento,
Ma non cedo, non pavento,
Torneró per trionfar.
AMI. Deh! mi togli al suo cospetto;
Ah! m'invola al mio tormento,
Quanto vedo e quanto sento
Mi fa fremere e gelar.
EVE. A te scudo é queste petto,
Sarà vano ogni ardimento,
E l'ingiusto tuo tormento
Io m'affretto a vendicar.
CAR. Non si scorda un primo affetto,
Nel sentir quel tuo lamento:
Quanto peno in tal momento
Non sapresti immaginar.

EVE. O imponho ati em nome
Do Ceo que lê em teu peito.
E's tu Gualter?

GUA. Oh Ceo!

EVE. Ao meu paterno zelo
A tem confiado o Ceo;
Descubrirei, madama,
Do impio trahidor a trama,
O dia, talvez, se appressa
Que a innocencia oppressa
Onde recebe ultragem
Homenagem obterá.

GUA. A esses ditos, a esse aspecto
No temor vacillo, e ondeio;
Mas não cedo, não receio,
Tornarei a triumphar.

AMI. (*a Eve.*) Livra a mim daquelle aspecto;
Tira a mim este tormento,
Quanto vejo, o pensamento,,
O meu peito faz gelar.

EVE. A ti escudo é o peito meu
Vou illudir o atrevimento,
E o injusto teu tormento
Eu appresso-me a vingar

CAR. Não è surdo amor primeiro,
Em ouvir o teu lamento:
Quanto peno em tal momento
Não te podes figurar.

CON. Ti consiglio, o mio diletto,
Non mostrar avvilimento:
Quanto soffri in sen lo sento,
Ma la rea tu dei scordar.

TUTTI Ah! di speme un raggio amico
Tra le nubi ancor scintilla,
E fra il turbine nemico
Nò non lascia di sperar.

(*partono.*)

SCENA XI.

Fattoria — Sotto portico rurale con veduta del Cortile chiuso da muso, Casino praticabile.
Notte.

BARILONE, poi MATTEO, indi EVERARDO ed AMINA.

BAR. Matteo? Matteo?
MAT. (*di dentro.*) Mi sto refocillando.
BAR. Ad altro istante il resto della cena.
EVE. A voi confido
Infino al nuovo di quest'innocente
Vittima d'un malvagio; ad ogni sguardo,
Pietosi la celate:
Addio .. fa core, e spera

CON. Aconselho-te, ó querido,
Não te aviltes neste instante,
Sei que soffre tua alma amante,
Mas a deves esquecer.

TODOS Ah! d'esp'rança um raio amigo
Para nós inda scintilla,
E do pelago inimigo
Esperamos nos salvar.

(*Partem.*)

SCENA XI.

Feitoria — Sob-Portico rural com vista do Pateo fechado por um muro.
Casinha do campo praticavel.
Noite.

BARILONE, *depois* MATHEUS, *depois* EVERARDO *e* AMINA.

BAR. Matheus? Matheus?
MAT. (*de dentro.*) Me estou refrigerando.
BAR. Guarda o resto da ceia p'ra mais tarde.
EVE. A vós confio
Té a proxima aurora esta innocente
Victima de um malvado, a todo o ente,
Piedosos, a occultai:
Adeus... animo, e espera

Nell'innocenza tua: domani avrai
Sicuro asilo, e i tuoi nemici in breve
Di lor perfidia pagheranno il fio

AMI. Che non vi deggio mai!

EVE. Sta lieta, addio (*parte.*)

BAR. Matteo? Matteo? le chiavi del casino.

(*Gual. entra a furtivamente e si nasconde.*)

Voi colà dormirete.
Matteo sbrigati, e tutto in pronto avrete.

MAT. Eccomi qui. (*tornando con biancheria e lumi.*)

BAR. Con comodo .. tu chiudi ..
Pigliate fresco, in sei minuti è fatto.
Io non conosco flemma.

MAT. E' chiuso.

BAR. Bravo!
Che tartaruga! smorza il fuoco, e poi
Vattene a letto!

MAT. E poi?

BAR. E poi dormi, se vuoi! (*Mat. parte.*)
Lallerà, lallerà, lallerà.
La sua flemma crepare mi fa.
(*lascia un lume, e coll'altro entra nel casino.*)

Na tua innocencia, terás ámanhã
Melhor asylo contra os teus imigos,
Prestes serão dos crimes seus punidos.

AMI. Quanto grata vos sou!

EVE. Animo! adeus
(*Parte.*)

BAR. Matheus? Matheus? as chaves do *casino.*

(*Gualter entra furtivamente, e se esconde.*)

Vós ali dormireis.
Matheus depressa. Tudo aqui tereis.

MAT. A's ordens, aqui estou (*tornando com roupa e luzes.*)

BAR. Fecha com modo.
Tomai fresco, está feito em seis minutos.
Não sei que é flegma.

MAL. Está fechado.

BAR. Bravo!
Que tartaruga! apaga a luz, depois
Vai-te deitar.

MAT. Depois?

BAR. Depois dorme, se queres. (*Mat. parte.*)
Lallerá, lallerá, lallerá.
A sua flegma não posso soffrer.

(*Deixa uma luz e com a outra entra no Casino.*)

SCENA XII.

AMINA e GUALTIERO.

AMI. Povero cor, perche presago in petto
Mi palpiti cosí? Novelli affanni
Mi prepara la sorte?
GUAL. Si
AMI. Stelle!
GUAL. Taci!
AMI. Iniquo!
GUAL. O 'sposa o morte.
Fra l'ombre te seguia;
Mi guida amor: vendetta mi consiglia.
Sieguimi, ingrata, omai!
AMI Lo speri invano.
GUAL. Meco in estraneo lido avrai ricetto:
Vieni.
BAR. Larà! lá! là! (*di dentro.*)
AMI. Fuggi, . . deh! . . . fuggi.
GUAL. Si; ma se parti, indegna,
Ho un ferro ancora:
Trema! per te non sorgerà l'aurora.
(*Amina s'abbandona sù d'una sedia. Gual. spegne il lume, e s'allontana.*)

SCENA XII.

AMINA, *e* GUALTER.

AMI. Meu pobre coração, porque receoso
Te sinto palpitar novas desgraças
A mim prepara a sorte
GUA. Sim.
AMI. Ceo!
GUA. Cala-te!
AMI. Iniquo!
GUA. Ou esposa, ou morte!
Na sombra eu te seguia,
Amor me guia, vingança me aconcelha,
Seguir-me, ingrata, deves!
AMI. Não o esperes.
GUA. Terás comigo em terra estranha asylo,
Vem.
BAR. Lará! lá! lá! lá! (*de dentro.*)
AMI. Foge ah!... foge.
GUA. Sim; mas se fallas tenho um ferro, indigna!
Treme não romperá por ti a aurora.
(*Amina abandona-se sobre uma cadeira. Gua. apaga a luz, e affasta-se.*)

SCENA XIII.

BARIONEL *e detta.*

BAR. Quand'ero piccolino, piccolino
(*cantando.*)
Mi rincresceva assai d'andare a scuola.
Non so un'acco di greco, e di latino,
Di crusca non conosco una parola.
La grammatica mia tengo nel vino,
Studio che mi conforta, e mi consola
Verbi e nominativi altri non so,
Che bere e sgocciolar cipro e bordò.
E siccome. . -Tere. . .Tere. . .Teresa?
E il *quondan* candeliere?
AMI. Amico mio!
Urtai nel tavolino, e il lume cadde.
BAR. Non é mica un colosso.
Lo riaccendo all'istante eccovi il lume.
(*Tuona.*)
Sollecitate, il temporal comincia....
Felicissima notte. Che fracasso!
AMI. Mi balza il core in petto
BAR. Prendete questo lume, e *marsch* a letto

SCENA XIII.

BARILONE *e Dita.*

BAR. Quando era pequenino, pequenino
Me custava bastante de ir á escola.
Não sei nada de Grego e de Latim
Da (*) Crusca não conheço uma palavra.
Vou estudando a grammatica no vinho,
Estudo que me agrada e me conforta
Não sei mais verbos e nominativos
Que beber e saborear *Chypre* e *Bordeaux.*
E assim.... Tere... Tere... Tere... Thereza?
E o *quondam* castiçal?

AMI. Amigo meu!
Tropeçando na meza elle abateo.

BAR. Não é elle um colosso.
Torno-o logo a accender... ei-vos a luz (*troveja.*)
Despachai-vos, começa o temporal....
Felicissimas noites. Que fracasso!

AMI. Me treme o coração.

BAR. Pegai vós nesta luz e *march* á cama.

(*) Crusca, famosa Accademia cuja Orthographia Italiana é geralmente seguida.

(*Amina prende il lume ed entra nel Casino. Bar. nella Fattoria. Il temporale infierisce. Piccardo al cancello batte più volte.*)

SCENA XIV.

PICCARDO, *poi* BARILONE, MATTEO, *e* CORO *dalla Fattoria, ec.*

PIC. Maledetti! ho perso il fiato.
Batti, batti, alcun non sente.
CORO Siamo qua; che cosa é státo?
PIC. Un crudele inconveniente!
La Contessa ed il Contino,
Che a Losana son rivolti,
Mezzo miglio quí vicino
Dalle tenebre fur' colti.
Per disgrazia più fatale
Vi si aggiunse un temporale;
I cavalli spaventati
In un fosso son piombati,
E per chiudere il discorso
La carrozza in pezzi é lá.
Io per chiedere soccorso,
Pancia a terra giungo quá.
BAR. Presto!.., presto!... torce a vento!
Faci, ombrelli, lanternoni.

(*Amina pega na luz e entra no Casino. Bar. na feitoria. O temporal augmenta. Piccardo á cancella batte muitas vezes.*)

SCENA XIV.

PICCARDO, *depois* BARILONE, MATHEUS, *e* CORO *da Feitoria, etc.*

PIC. Maldiçoados, 'stou sem vóz.
A batter ninguem me ouve.
CORO. Nós cá estamos; mas que foi?
PIC. Um cruel inconveniente!
A Condessa, e Condesinho
De jornada p'ra Losana,
Envolvidos aqui perto
Forão elles pelas trevas,
E por sorte mais fatal
Sobreveio um temporal;
Os cavallos espantados,
Sobre um fosso forão dar
E em pedaços a carroagem
Foi precizo la deixar.
P'ra pedir a vós soccorro,
A galoppe é que cá vim.
BAR. Promptos! promptos! venham tochas
Venham fachos, e lanternas.

PIC. Non si tardi un sol momento,
Si soccorrano i padroni.
MAT. Accendete, fate presto:
Periglioso é l'indugiar.
CORO Accendiamo, facciam presto,
Periglioso é l'indugiar.
(*Partono pel Cancello.*)

SCENA XV.

MATTEO *solo*, *poi* AMINA, *indi* CARLO, CONTESSA, EVERARDO, BARILONE, *e* CORO, *indi* PICCARDO.

AMI. Se mi vede la Contessa,
Se mi trova, io son perduta..
Per pietá, deh! tu m'ajuta,
Mi nascondi per pietá!
MAT. Troverem qualche altra stanza;
Non é mica morto il mondo;
Nel granajo vi nascondo,
Zitta, zitta, state lá.
AMI. Deh! che alcuno non mi scopra.
MAT. E' impossibile lá sopra.
AMI. Barilon non dica niente.
MAT. E' villano, ma prudente.
Or vien gente, e vi sorprende.
AMI. Vadó, corro... oh rie vicende!

PIC. Não se tarde um só momento
Se soccorram os patrões.
MAT. Accendei, fazei depressa,
Perigoso é retardar.
(*Partem pela Cancella.*)

SCENA XV.

MATHEUS, *depois* AMINA, *depois* CARLOS, CONDESSA, EVERARDO, BARILONE, *e* CORO *em ultimo* PICCARDO.

AMI. Se a Condessa aqui me vê,
Se me encontra estou perdida.
Tenhas dó, peço a mercê,
Que me escondas por piedade.
MAT. Haverá algum outro quarto,
Nem por isso é morto o mundo;
No celleiro vos escondo,
Caladinha ficai lá.
AMI. Ah! que alguem não me descubra.
MAT. Oh! lá em cima é um impossivel.
AMI. Que não falle Barilone.
MAT. Elle é bruto, mas prudente;
Mas sentido, chega gente.
AMI. Eu vou, corro.. oh que afflicção!

MAT. Oh! qual premio l'infelice
Ebbe mai dal suo servir.
AMI. Ah! la mia benefattrice
Non credea dover fuggir.
(*Parte entrando nella Fattoria.*)
CORO Grazie al Cielo non c'é male,
Sani e salvi entrambi siete;
A viaggiar col temporale
E' una gran bestialitá.
Qui riposo troverete,
E il timor vi passerá.
MAT. Preparate per madama
Son le Stanze nel Casino.
BAR. Anche il letto del Contino
Io giá feci preparar.
A 2 { Ella / Egli } puó, qualor lo brama,
Avviarsi a riposar.
CAR. Un'abbraccio!
CON. Ah! sí di core
EVE. Io m'inchino!
CAR. Addio signore.
CON. } Ah! ci possa amico sonno
CAR. } Ogni pena ristorar.
GLI ALTRI } Ah! vi possa amico sonno.
Ogni pena ristorar.
PIC. Signor Conte, alfin vi trovo

MAT. Ah! qual premio a infeliz
Tirou ella de servir.
AMI. Ah! da minha bemfeitora
Não julguei dever fugir.
(*Parte entrando na feitoria.*)
CORO. Seja o Céo louvado, salvos
Ambos sois, foi pouco mal;
E' viajar com temporal
Uma asneira magistral.
Vós aqui descançareis,
E o temor vos passará.
MAT. Preparados por Madama
São os quartos no *Casino.*
BAR. E tambem ao condezinho
Fiz a cama preparar
A 2 Ella / Elle póde quando queira,
Dirigir-se a descançar. —
CAR. Um abraço!
CON. Ah! sim de veras
EVE. Eu me prostro!
CAR. Adeus, senhor.
CON. / CAR. Ah! nos possa amigo somno
Da afflicção indemnizar.
OS OUTROS. Ah! vos possa amigo somno
Da afflicção indemnizar.
PIC. Senhor Conde em fim vos acho,

Novitá....

CAR. Quí t'avvicina.

EVE. Parla piano....

PIC. E quí di nuovo
Lo stranier di stamattina.

CAR. EVE. Chi? Gualtier?

PIC. Colui sicuro.
L'ho veduto appié del muro,
Quatto, quatto di soppiatto
Agirarsi ed esplorar.

CAR. Ah! lo guida certamente
Qualche perfido disegno:
Si raduni la mia gente,
E si vegli sull'indegno.
Giusto Ciel! non é l'infame
Pago ancor del mio penar?

EVE. CORO PIC.

Non temer, saprem le trame
Di quell'empio smascherar.

(*Partono tutti dal Cancello.*)

Novidade....

CAR. A mim te chega.

EVE. Falla baixo....

PIC. Aqui de novo

CAL. } O estrangeiro d'hoje está,
EVE. } Quem? Gualter?

PIC. Elle, seguro.
Eu o vi ao pé do muro,
Recatado, e escondido,
Todo intento a explorar.

CAR. Ah! vem elle certamente
Com um perfido projecto,
Que se ajunte a minha gente
Para o indigno vigiar
Justo Ceo! não basta ao imfame
Tanto meu cruel penar?

EVE. }
CORO. } Ah! não temos suas insidias
PIC. } Vamos nós desmascarar.

(*Partem todos pela Cancella.*)

SCENA XVI.

GUALTIERO *entra nella Fattoria scalando il muro, poi* AMINA, BARILONE, MATTEO, EVERARDO, CARLO *e* PICCARDO.

GUA. Niun mi vide; eppur son certo
Che di me van essi in traccia.
Ah! l'indegna mi ha scoperto,
Oh! furor... per sempre taccia...
La sua stanza parmi quella; (*vento, e grandine.*)
Quella si... qualcun favella!
Ascoltiamo.... nó, fu il vento,
Della grandine il furor.
Di natura il turbamento.
E' d'accordo col mio cor.
(*Snuda lo stile, ed entra nel Casino. Il fulmine cade sopra il Casino. Gualtiero esce spaventato.*)
Ciel! la folgore!.... oh terror!
Dove fuggo! io son perduto.

(*Fugge arrampicandosi alle mura del Cortile. Il casino comincia ad incendiarsi*

AMI. Qual terribile fragor!
(*Uscendo dalla Fattoria. Vede il*

SCENA XVI.

GUALTER *entra na feitoria descendo pelo muro, depois* AMINA, BARILONE, MATHEUS, EVERARDO, CARLOS, *e* PICCARDO.

GUA. Não me virão e estou certo
Que me estão a procarar.
Tem-me a indigna descoberto,
Oh! furor... morrer deve ella....
O seu quarto julgo aquelle.
(*Vento, e chuva de pedra.*)
Sim, aquelle... falla alguem
Escutamos.. não, foi o vento
Da saraiva foi furor
De natura a turbação
Envolveo meu coração.
(*Pega no punhal, e entra no Casino. O raio cáe sobre o Casino. Gualter sáe espantado.*)
Céo! o raio!.. oh meu terror!
Onde fujo! estou perdido!

(*Foje trepando pelos muros do pateo. O Casino começa a incendiar-se.*)
AMI. Qual fragor ouvi terrivel!
(*Saindo da Feitoria. Vê o fogo e*

fuoco e si slancia nel Casino a salvare la Contessa.)

MAT. } Ah! che vedo! ajuto! ajuto! (*con lumi*)
CORO }

EVE. } Quali grida! qual frastuono!
BAR. }

MAT. } Sul Casino piombato é il tuono.
CORO }

CAR. Ah!... mia madre!

(*Tutti corrono a soccorrerla, quando esce dal Casino Amina col pugnale insanguinato.*)

AMI. E' spenta!
TUTTI Spenta!
AMI. Ah! son'io...
CAR. Tu!...
TUTT Oh ciel!.. che orror!
CAR. Spietata! fuggi, involati:
Mi desti in sen terror.

TUTTI

AMI. (*Con agitazione sempre crescenti*
Per queste amare lagrime,
Pel duol que accolgo in seno,
Udite d'una misera
L'estrema voci almeno.
Non io, non io colpevole
S on di si reo delitto
Feci quel sen trafitto,

ça-se no Casino para salvar a Condessa.)

MBT. / DORO } Que vejo eu! ah! quem acode!

(*Com luzes.*)

EVE. / BAR. } Qual rumor! qual confusão!

MAT. / CORO } No Casino deo o trovão.

CAR. Minha mãi!... (*todos correm para soccorrerlla, quando sáe Amina com o punhal ensanguentado.*)

AMI. Morreo!

TODOS Morreo!

AMI. Ah! Sou eu.

CAR. Tu!

TODOS Ceo! que horror!

CAR. Indigna! foge, afasta-te
Me causas tu terror.

AMI. (*Com agitação que gradualmente augmenta.*)
Por estas tristes lagrimas,
Por minha amarga dor,
Ao menos de uma miseria
Ouvi a extrema voz.
De crime eu tão barbaro
Não devo ser culpada
O juro á terra, ao Céo,

A Dio lo giuro, agli uomini:
Io rea non sono... Ahi misera
Estremo é il mio dolor.
(*Al colmo della disperazione.*)

GLI ALTRI Son tarde le tue lagrime
Il tuo pregar è vano!
D'un Dio giusto e terribile
Gravi su te la mano,
E ti condanni a vivere
Giorni di pianto e orror.
Onta e rimorso, o barbara,
Accresca il tuo dolor.

FINE DELL' ATTO PRIMO.

Innocente sou eu,
Quanto infeliz!... ah misera!
Extrema é a minha dor.
(*Ao auge da desesperação.*)

Os outros. Tarde tu vertes lagrimas
Baldado é teu rogoar!
Um Deus justo e terrivel
Te queira castigar,
Terriveis dias de horror
Te faça elle passar,
Em ti o remorso, ó barbara,
Vergonha augmente a dor.

Fim do Primeiro Acto.

ATTO SECONDO.

SCENA I.

Campagna.

PICCARDO, MATTEO, CORO, *poi* BARILONE.

PIC. Cerchiam....
MAT. Guardiam....
CORO. Pian, pian.
Faccia proibita,
Muso antipatico
Non ci uscirá
Di man nó, nó
MAT. | Se v'è persona equivoca
PIC. | Non scapperá nó, nó.
MAT. Cos'è quì sotto i piedi!
Son carte....
PIC. Che sará?
CORO. Vien Barilone, affrettati,
Ei leggerle saprá.
MAT. Quí per terra s'é trovato
Sotto i piedi quest'imbroglio,
V'era dentro più d'un foglio,
Ed abbiam curiositá

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

Campina.

PICCARDO, MATHEUS, CORO, *depois* BARILONE.

PIC. } Busquemos.
MAT. }
CORO. De vagar.
Cára prohibida,
Rosto antipatico
Não nos escapas,
Não foges, não.
MAT. } Se ouver pessoa equivoca
PIC. } Não nos escapa, não.
MAT. Mas que acho ãqui entre os pés!
São papeis....
PIC. Qué será?
CORO. Vem, Barilone, appressa-te
Elle é que os póde lêr.
MAT. Cá no chão temos achado
Um embrulho a nossos pés,
Havia dentro mais papeis,
De saber somos curiosos

Di sapere che dirá.

BAR. Son curiosi! ma che bestie!
E non sanno il be, aba,
A me i fogli zitti zitti,
Cheti tutti, non fiatate:
Apri bene il lanternone,
Sul momento Barilone
Questi fogli leggerá.
Ah! che vedo! é manoscritto,
Per lo scritto io non son nato,
Leggo solo lo stampato
Che é maggior difficoltá.

TUTT. Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah.

BAR. Quí da rider non ci sta,
E non soffro inciviltá.

TUTTI Ah, ah.

BAR La ronda séguite
Divisi bel bello,
E intanto di trotto
Io torno al Castello,
Il vecchio Everardo,
Quel ch'io non intendo,
Lo scritto leggendo
Scoprire saprá

MAT. } Deh tu ci consola,
PIC. } Oh Nume clemente!
CORO } La povera Amina
Ritorni innocente.

O que nelles se contém.
BAR. Sois curiosos! mas que bestas
Nem sabeis o be, aba.
Cá os papeis, 'stejai calados,
Sem motim, e socegados.
Quero acceza bem a luz,
E no instante Barilone
Os papeis vai decifrar.
Ah! que vejo! é manuscripto,
Para a escripta não nasci
Eu só leio o que está impresso,
Que é maior difficuldade!
TODOS Ah, ah, ah, ah, ah, ah.
BAR. Não é caso este p'ra rir,
Eu não soffro incividades,
TODOS Ah, ah.
BAR. Vós Ides a rondar
Mui bem repartidos
Em quanto de trote.
Eu corro ao castello
O velho Everardo
O que eu não entendo,
O escripto elle lendo.
Nos vai explicar.
MAT. } Ah! tu nos protege,
PIC. } Oh Nume clemente!
CORO } A misera Amina
Revela innocente,

E il perfido, e l'empio
Autor dello scempio
Non sfugga la pena
Di sua crudeltá.

BAR. Voi dì quà ... voi di là; di qnesti fogli
Non si traspiri un'acca: fate conto,
Che quest'imbroglìo non si sia trovato,
Su quest'affare io vi sequestro il fiato.

MAT. Odo un certo rumor!....

PIC. Zitti, pian piano
Ci nascondiam fre quelle piante.

MAT. E poi...

PIC. Là inosservati noi
Chi vien veder potremo.

MAT. E in caso!...

PIC. In caso poi lo legheremo.
(*si ritirano*).

SCENA II.

GUALTIERO, poi MATTEO, PICCARDO, E CORO.

GUAL. Dove! dove son'io! tento invano
Involarmi da questa

E o perfido, o impio,
Author desta scena
Soffra elle a pena
De tanta crueldade.

BAR. Vós daqui... vós de lá; destes papeis
Não falleis a ninguem, façais de conta
Que este embrulho não temos nós achado,
Eu neste caso vos embargo a voz.

MAT. Ouço rumor!

PIC. Silencio, de vagar
Entre essas plantas vamos esconder-nos.

MAT. E depois....

PIC. Lá escondidos
Veremos quem chegar.

MAT. E caso que elle!..

PIC. Nós o amarraremos.
(*Retiram-se.*)

SCENA II.

GUALTER, *depois* MATHEUS, PICCARDO, *e* CORO.

GUA. Em que logar 'stou eu! em vão procuro
Desviar-me desta

Profonda, tortuosa, ampia foresta;
Terror m'impenna il pie. Tardo rimorso
Qui m'incatena il passo,
E miro in ogni Sasso,
In ogni fronda scritto,
Con il sangue d'Amina il mio delitto
Così bella e innocente ella parea:
Un sorriso d'amore;
Ed io l'uccisi, e mi reggeva il core!
Cara Amina, ah dove sei?
Tu potevi amarmi allora:
Ma spirasti sull'aurora
Della evita, dell'amor.
Mi rese amor feroce,
Io ti punii, spietata:
Tu ricusasti, ingrata,
La tua felicità.
Ah il mio tiranno affanno
Strappando il cor mi va.

Coro. Trema.. delira.. smania:
E' il cavalier incognito;
Bel bello circondiamolo,
Scappar non ci potrà.

Gual. Si fugga.

Profunda, tortuosa, ampla floresta;
O terror move meus pés; mas o remorso
Aqui me prende os passos,
E vejo em cada pedra,
E em cada folha escripto,
Com o sangue d'Amina o meu delicto.
Tão formosa, e innocente parecia
Um surriso de amor,
E matei-a, de tanto eu fui capaz!
Chara Amina, aonde estás?
Tu podias amar-me outr'ora?
Mas findaste em vez na aurora,
Da existencia, e do amor.
Eu me fiz por ti feroz,
Desalmado me tornaste;
Mas, ingrata, recusaste
Tua ventura de alcançar.
Ah! rasgar me sinto o peito
Pela cruel minha afflicção.

CORO Treme, delira, agita-se:
E' o cavalheiro incognito,
Com juizo nós cercamo-lo,
Não póde a nós fugir.

GUA. Fuja-se.

CORO. Ferma: olá.
GUAL. Indietro, vili....
CORO. Arrestati.
A noi quel ferro inutile.
GUAL. Fermate [oh Ciel, che brivido!]
CORO. Ella con noi verrà.
GUAL. Sì, sì verrò: ma paventate:
Terror non ho, sono innocente.
(Il mio fallir m'è ognor presente
Speme a fuggir nò piú non v'è.
Questa mia man fumó di sangue,
L'empia spirò da me svenata:
Sorte crudel ti sei congiata
Il tuo favor spari par me.)
CORO. Più non tardar, scampo non v'è.
Pensa a marciar, affretta il piè.
[Partono].

SCENA III.

Interno rurale nella Fattoria.

EVERARDO E BARILONE.

EVE. Questi documenti
Sono un tesoro, e spero
Il reo trovar, se troverem Gualtiero.
BAR. Certi canni da caccia,

CORO Pára, ó lá.
GUA. A trás ó vís....
CORO Detem-te.
A nós o ferro inutil.
GUA. Parai (oh Ceo, qual susto!)
CORO Nos deve acompanhar.
GUA. Sim irei; mas vós tremei
Nada temo, eu sou innocente.
(Meu crime eu hei presente
Nem me é dado já fugir.
A minha mão fumou de sangue
A impia expirou por mim ferida:
Sorte cruel, és tu mudada,
Já não possuo o teu favor.)
CORO Não te demores, estás cercado,
Cuida em marchar, perdido estás.
(*Partem.*)

SCENA III.

Interior rural na Feitoria. EVERARDO *e* BARILONE.

EVE. São estes documentos
Um thesouro, eu espero
O réo achar achando-se Gualter.
BAR. Ha certos cães de caça:

Mio fratello, Piccardo, e i miei villani
Di quà di là, di su, di giù lo vanno
Per le Selve cercando.
Odo rumor!.. l'han preso.
Ecco s'appressa.

EVE. Tu assisti, o Cielo, l'innocenza appressa.

SCENA IV.

GUALTIERO, PICCARDO, MATTEO, indi BARILONE.

PIC. Cammina galantuomo.

GUAL. Ma perche? ma perche mi trascinate
Si potrebbe saper? son cavaliere,
Reclamerò. Son'io
Reo d'alcun delitto?

PIC. Intanto resta quà.

BAR. Ma zitto. zitto....
Cos'è questo mercato?

MAT. Quest'uomo d'onor vuol'essere slegato.

BAR. Ha ragione. Si vede
Che di fisonomia non v'intendete.

Ricardo, meu irmão, e os camponezes
Que o vão aqui, acolá, por toda a parte
Nas silvas procurando....
Ouço rumor!.. prenderam-no, aqui chega.

EVE. A misera innocencia, ó Ceo, protege.

SCENA IV.

GUALTER, PICCARDO, MATHEUS, *depois* BARILONE.

PIC. Avia-te, homem de bem.

GUA. Mas vós por qual motivo me arrastaes
Posso eu saber? um cavalheiro eu sou,
Reclamarei. Sou eu
D'algum crime culpado?

PIC. Por ora fica aqui.

BAR. O' lá, prudencia...
Que temos nós de novo?

MAT. Quer ser este homem d'honra desatado.

BAR. Tem razão. Bem se vê
Que vós não conheceis physionomias.

MAT. Anzi....
BAR. Tacete via, lasciatil'ire.
PIC. Ma il conte....
BAR. In quanti siamo
Adesso a comandar?
E' un galantuomo, io lo conosco ai baffi!
(*Secondatemi.*)
MAT. Ma se...
BAR. Zitto marmotta. Io lo prendo in consegna,
Io ne rispondo. [*Villici viano.*]
GUAL. Grazie: ma sai perche quegli incivili
M'han trascinato quà?
BAR. Per apparenza.
Si fanno certe indagini: saprai
Che questa notte in mezzo
Ai fulmini, alla pioggia, alla ruina,
Qni fu svenata...
GUAL. Amina.
BAR. Amina!
E come mai, amico mio, lo sai?
GUAL. Da voci sparse qui all'intorno
L'intesi... [oh gioja! è spenta.)
BAR. Ma quest'Amina tu la conoscevi?
E al castello venisti tu per lei?

MAT. Antes....
BAR. Calai: deixa-o em liberdade.
PIC. E o Conde....
BAR. Quantos somos
Agora a governar?
Elle é honrado, conheço-o no focinho
(Ajudai-me.)
MAT. Mas se...
BAR. Cala, marmota. O tomo sobre mim.
Eu respondo por elle.
[*Os Camponezes retiram-se.*]
GUA. Agradecido; mas por que arrastado
Cá me tem essa gente?
BAR. Em apparencias
Costumam-se fazer indagações:
Tu sabes que esta noite
No meio da borrasca, e da ruina
Aqui foi degolada...
GUA. Amina...
BAR. Amina!
E como amigo meu, o sabes tu?
GUA. Por vozes que corriam nestes contornos.
[Oh meu prazer! morreo.]
BAR. Mas esta Amina tu já conhecias?
E por ella chegaste tu ao castello

GUAL. Sì quell'ingrata
Dalle leggi salvar folle tentai,
Conosciuto il suo cor l'abbandonai
BAR. Oh! caro amico, il mondo
E' ripieno d'ingrati:
GUAL. Or dunque, o caro,
Giacche conosci l'innocenza mia
Lascia ch'io vada via.
BAR. (Quanto sei ciuccio
Quantunque cavalier:] solo per questo
Ti levai da Piccardo, e da Matteo;
Villani senza testa, e senza core.
GUAL. Ah! mio benefattore...
(vuol abbracciar Bar.)
BAR. Grazie, grazie, doman mi fo la barba....
GUAL. Dunque posso partir?
BAR. Misericordia!
Ma che impastato sei d'argento vivo?
GUAL. Alto è il sole di molto, e alla cittade
Non è breve la via.
BAR. Quattro minuti, non chiegg'io di piú.
GUAL. Ma cora brami
BAR. Faccio un gero... Siam soli....
GUAL. Ebben?
BAR. Ebben, conosci me,
Conoscote, ni siamo

GUA. Insensato! eu salvar
Intentava das leis aquella ingrata,
Conhecendo-a depois a abandonei.
BAR. Oh charo amigo, o mundo
Está cheio de ingratos.
GUA. Charo amigo,
Pois que conheces tu minha innocencia
Deixa que eu parta:
BAR. [Quanto está pateta,
Ainda que cavalheiro:] só por isso
Te livrei de Piccardo e de Matheus
Villões sem juizo algum nem coração.
GUA. Meu charo bemfeitor...
[*Quer abraçar Bar.*]
BAR. Obrigado, ámanhã farei a barba.
GUA. Então posso partir?
BAR. Misericordia!
Dar-se-ha caso que és feito de mercurio?
GUA. Já nimio sobe o sol, e á cidade
Não é breve o caminhó.
BAR. Quatro minutos, mais eu não te peço.
GUA. Mas de mim que desejas.
BAR. Eu dou uma volta... estamos sós...
GUA. Então?
BAR. Então tu me conheces,
Conheço a ti, não somos

Nè balordi, nè sciocchi.
T'ho da parlare.

GUAL. A me?

BAR. Sì, ma a quattr'occhi.

SCENA V.

EVERARDO, e DETTI dalla diritta.

BAR. T'ho da fare un'ambasciata,
A quattr'occhi in fretta in fretta
La Contessa t'è obbligata
Di quel colpo dì lancetta.

GUAL. La contessa?

BAR. Sua Eccellenza.

GUAL. La lancetta!

BAR. Sì, signore.
Ma che botta con prudenza
Che bel ziff proprio nal core:
La ragazza le facea
Passar giorni molto amari;
Ma a sbrigar presto gli affari,
Hai una grande abilità.

GUAL. Non capisco!

BAR. Capirai.
Vedi questa, a te le manda:
(gli dá una borsa.)
Per suo amore la terrai;
Ma poi a te si raccomanda.

GUAL. Ma perche?

BAR. Non sei Gualtiero?

Estupidos, nem tolos,
Devo fallar-te.

GUA. A mim?

BAR. Sim, mas sosinhos.

SCENA IV.

EVERARDO, *e ditos do lado direito.*

BAR. Sou incumbido de um recado,
Só a só, a toda a pressa,
Obrigada é a ti a Condessa
Desse golpe de lanceta

GUA. A Condessa?

BAR. Sua excellencia.

GUA. A lanceta!

BAR. Sim, senhor.
Mas que golpe com prudencia
Bello *ziff* no coração:
Pois fazia muita inclemencia
A menina a ella passar
Foi preciso a tua agencia
Para o negocio despachar.

GUA. Não percebo!

BAR. Já me explico,
Tu vês esta, a manda a ti.
(*Dá-lhe uma bolsa.*)
Por lembrança a guardarás;
Mas a ti se recommenda.

GUA. Mas porque?

BAR. Não és Gualter?

GUAL. Non capisco....
BAR. Che arrivasti jer mattina,
Che fra l'ombre del mistero
Hai mandato in aria Amina,
Che al contino innamorato
Sconcertato avea la testa:
Siamo intesi, prendi questa,
Son zecchini, piglia e va.
EVE. (Cosí furbo in quel testone
Non credeva mai l'ingegno:
Benedetto Barilone
Ha colpito proprio al segno.)
BAR. (Poi diran che Barilone
Non ha testa, non ha ingegno;
Ho sparato il mio cannone,
Ho colpito proprio al segno.)
GUA. (Si smarrisce la ragione
'A Suoi detti, al suo contegno,
Che celasse Barilone
Qualche perfido disegno?)
BAR. (Il birbante resta muto,
Sotto voce brontolando,
E' giá in trapola caduto,
Quei zecchini van tirando.
Se a cavar gli arrivo il filo
Della sua bricconeria,
A mie spese in piccardia
A ballare in aria andrá.)
GUA. (Sto dubbioso, irresoluto

GUA. Não percebo....
BAR. Que chegaste esta manhã
Que entre as sombras do mysterio
T'ens Amina feito voar,
Que do Conde namorado
Fez o cerebro variar
Toma, o caso está arranjado;
São sequins, toma, e vai.
EVE. (Não julguei essa cabeça
Eu capaz de engenho tal
Abençoado Barilone,
Acertou onde tem o mal.)
BAR. (Depois digam, Barilone
E' inesperto homem boçal
Desparei o meu canhão
Fui dar mesmo no signal.)
GUA. (Confundida está a razão
A esses ditos a esse aspetto
Barilone algum projecto
Póde perfido tecer?)
BAR. (O Patife fica mudo
Em voz baixa resmungando
Na corriola já cahio
Os sequins o vão puxando,
Se a tirar-lhe eu chego o fio
Desta acção iniqua e dura,
Para o ver na dependura
As despezas lhe farei.)
GUA. Eu 'sto incerto, confundido,

Palpitante, ed ondeggiando,
Sou preplesso, combatuto,
Non mi vó capacitando.
L'accettar se mi tradisse
Mi potrebbe esser fatale,
Ah! spiegar potessi l'ale
Per fuggirmene di quá.

EVE. (Il furfante é irresoluto,
Va pian piano ruminando,
Agitato, e combattuto
Ci scometto va calando,
Dammi, o ciel, che tutto sveli
Il delitto sua fatale,
Per poter da monstro tale
Sollevar l'umanitá.)

GUA. T'ingannasti.

BAR. M'ingannai?....

GUA. Ecco l'oro....

EVE. (Ah! malandrino.)

BAR. A proposito scordai
Darti questo taccuino,

EVE. (Che dirá!)

GUA. Come l'avesti?

BAR. Ti cadeva via scapando:
Nella fretta lo perdesti,
Dopo fatto il contrabbando.
La Contessa te lo rende
Pér servir da contrassegno,
Che é compiuto il suo disegno,

Palpitante, vacillando,
Sou perplexo combattido
Não me vou capacitando.
Se acceitando, me trahisse
Isso a mim seria fatal,
Ah! podesse eu ter as azas
P'ra poder-me eu safar.)

EVE. (Está o impio confundido
Em voz baixa resmungando;
Agitado, e combattido
Vai o facto acreditando.
Céo permitte que revele
O delicto seu fatal
P'ra poder de monstro tal
Libertar a Humanidade.)

GUA. Te enganaste.

BAR. Me enganei?..

GUA. Eis-te o oiro....

EVE. (Ah! patifão.)

BAR. A proposito esqueceo-me
Entregar-te esta carteira.

EVE. (Que dirá?)

GUA. Como a tiveste?

BAR. Appressado, em te safando
No caminho tu a perdeste,
Logo feito o contrabando.
A Condessa ta remette
P'ra servir-te de signal,
Que cumpriste seu designo,

E ognor grata ti sará.

GUA. Certo é ver! mi dai tu prove;
Ma tu poi....

BAR. Siam d'uma pasta
Ne ho scannoto più di nove.
(Dè Frenguelli.)

GUA. Tanto basta!
La Contessa ho ben servito
Quella sciocca le ho involato...

EVE. (*Avanzandosi.*) La Contessa hai tu ferito,
Vive Amina, scellerato!
(*Ai Soldati che erano nascosti.*)
Disarmate quel ribàldo
Sia condotto al tribunale:
Hai finito di far male,
La tua vita a un filo stá.
Bassa al suolo la fronte proterva,
Tu dal Nume fuggivi, ma invano
Il suo dardo raggiunge il profano,
Gli fa a mezzo la fuga troncar.
A versare quel sangue innocente
Non tremavi nel muovere il passo:
Non hai core, o lo havevi di sasso,
Quando andasti una donna a svenar,

BAR. Una faccia di poco di buono
Ti leggevo da un miglio lontano;
Ma che tanto giocassi di mano
Non poteva giammai sospettar,
Ora sí che puoi far testamento

E que grata a ti será.

GUA. E' verdade! me dás provas....
Tu depois

BAR. Só da tal maça,
Tenho morto mais de nove.
(Passarinhos.)

GUA. Tanto basta.
A Condessa hei bem servido,
Da Condessa eu a livrei....

EVE. (*Avançando.*) A Condessa has tu ferido,
Vive Amina, Scellerado!....
Desarmai esse assassino,
Conduzio-o ao tribunal:
Já não podes fazer mal
Prestes deves tu morrer.
Baixa ao Sólo o protervo semblante
Tu de balde ao castigo escapavas
Sabe o Céo surprehender o profano,
Seus projectos no meio truncar.
A verter esse sangue innocente.
Não tremias movendo teus passos:
Não tens alma, ou de pedra a tiveste,
Indo tu uma mulher degollar.

BAR. Uma cara de pouco de bom
Eu te li de uma milha em distancia;
Mas que tanto jogasses de mão
Não podia jámais suspeitar,
Vai agora fazer testamento

Hai finito di fare il gradasso;
Non temer di morir basso basso,
Anzi in alto dovrai sgambettar.

GUA. Da me stesso tradito mi sono,
Più ari crudeli non esco di mano;
Ma che speri omicida inumano,
Il rimorso non senti gridar?
Ahi! che vedo quell'ombra innocente
Sanguinosa a me stendere il passo;
A vil tema peró non mi abbasso,
Morto ancora vuò farvi tremar.
(*Partono tutti e Gualter. fra le armi.*)

SCENA VI.

MATTEO, *indi* CARLO.

MAT. Eccellenza, eccellenza;
E' stato carcerato
Un certo tal... non mi ricordo il nome,
Il quale ha confessato
Che... non so dirle come....
E' stato autor di quella gran stoceata,
Che quasi la Contessa ha trucidata.

CAR. Ma dov' é? dov' é l'empio?

MAT. Barilone, grand' uom quel mio fratello!

CAL. La Madre mia, la tenera mia Madre
Risanar poi potrá?

MAT, Certo, certo eccellenza, ha ben ragione.

Que acabaste de seres pimpão;
E não temas de estares em baixo,
Pois de cima verte-hei espernear.

GUA. A mim mesmo me tenho trahido,
Aos crueis mais não posso escapar;
Em teu peito homicida inhumano
O remorso não ouves gritar?
Ah! que vejo essa sombra innocente
Toda em sangue correr para mim;
Mas não quero vilmente temer,
Quero, morto, fazer-vos tremer.

(*Partem todos, e Gualter entre as armas.*)

SCENA VI.

MATHEUS, *depois* CARLOS.

MAT. Excellencia, excellencia,
Tem sido carcerado,
Um sujeito do qual ignoro o nome,
Em que tem confessado,
Não sei dizer-lhe como....
Ser author do famoso golpe dado,
Que a Condessa por morta tem deixado.

CAR. Mas onde o impio está?

MAT. Barilone, grande homem, meu irmão!

CAR. Mas minha, mãi, a terna minha mãi,
Muito me afflige agora.

MAT. Tem razão, eucellencia, tem razão.

SCENA ULTIMA.

Detti, Amina, Everardo, *Villici.*

Coro Tergi quel pianto, Amina,
Il nembo é terminato,
Il barbaro tuo fato
Alfine si cangió.

Ami. Come? come? parlate ove son' io?
Amici che ascoltai?

Bar. Per far cantare i rei son bravo assai.
Si, figlia mia, Gualtiero
Fu l' autor del mis fatto, in questi scritti
Si ravvisan palesi i tuoi diritti.
Di Ligné la Marquese, sí contino,
E' sua madre.

Ami. Mia madre! oh gioja! oh instante!

Car. E il perfido?

Eve. Tutto tutto quel perfido sveló!
Quest' infelice, Conte,
Ha giá sofferto assai, mentre l iniquo
In carcer tetro attenderá la morte,
Ah! signor la sua sorte voi dovete
Cangiar, il ciel lo vuole....
A buon intenditor poche parole

Car. Sí, cara, mia sarai

Ami. Padre, signor,

SCENA ULTIMA.

Ditos, AMINA, EVERARDO, *Camponezes.*

CORO. Amina enxuga o pranto,
O Ceo já está applacado,
O barbaro teu fado
Alfim por ti mudou.

AMI. Como? como? fallarei, onde estou eu?
Amigos, que escutei?

BAR. Para os reos indagar eu sou excellente.
Sim, filha, sim, Gualter.
Do crime foi author, nestes papeis
Designados estão os teus direitos.
Sim, ó Conde a marqueza de Ligné,
E' sua mãi.

AMI. Minha mãi! oh gaudio!
Oh doce instante!

CAR. E o perfido?

EVE. Tudo nos revelou. Esta infeliz,
(*Indicando Ami.*)
Conde assás soffreo
Em quanto o iniquo
Não vai do tetro carcere á morte,
Desta misera a sorte,
Deveis, senhor mudar, o Ceo o quer,
A bom entendedor poucas palavras.

CAR. Sim, chara, serás minha

AMI. Pai, senhor,

Tenero sposo mio, mio buon, amico,
Come mi batte il cor! dunque respiro,
Si dileguó l'affanno,
Rea non mi credi, e m'ami io non m'inganno.
In te, o caro, in te soltanto
E' riposta ogni mia speme,
Dell' amor il dolce incanto
Noi godrem felici insieme.
Tuo fia sempre il mio desio,
Mio fia sempre il tuo pensier.
Io godró con te, ben mio,
Una vita di piacer.

GLI ALTRI. Ogni tenero desio
Sará fonte di piacer.

AMI. Dopo tante, e tante pene
Mi Sorride amico il Ciel,
Ogni páce ed ogni bene
Mi verrá dal mio fedel.
E' svanito il mio tormento
Tutto alfin congió per me.
Ah! maggior del mio contento,
Gioja in terra egual non v'é.

CORO. Premio ottenne di contento
La virtú che annida in te.

FINE.

O' terno esposo meu, meu bom amigo;
Palpitando estou! respiro pois;
Cessou o tormento meu
Pois culpada a teus olhos não sou eu.
Do meu bem toda a esperança
Eu colloco em ti somente;
Ah! do amor o doce encanto
Gozaremos juntamente.
Serão teus os meus desejos,
Teu querer, o meu será.
Ah! comtigo gozarei
Uma vida de prazer.

OS OUTROS Vão a ser vossos desejos.
Uma fonte de prazer.

AMI. Ah! depois do meu soffrer
Vejo o Ceo a mim surrir,
Minha paz, e meu prazer
C'o meu bem vou dividir.
Dissipou-se, o meu tormento
Para mim pena não ha.
Ah! maior do meu contento,
Gaudio em terra igual não ha.

CORO. Premio obteve de contento,
Tua virtude singular.

FIM.

da á Romana, e desde a vinda do Inferno, até que a alma de Turno veio berrando pôr-se á sombra, he a Illiada que acaba com a morte de Heitor. Eu a V. m. não lhe devo nem hum ceitil, por isso não lhe guardo agoas, como os dois lhe fazem, temendo que V. m. os demande, perante algum dos tres Corregedores do Inferno. Minos, Eáco, e Radamanto. Quem não deve, não teme; se eu prometti cantar tantas coisas nas duas primeiras Oitavas, logo me arrependi, dizendo

Eu canto o peito illustre Lusitano....

Homero. Pois ficamos pagos, e muito airosos, eu canto a cólera, e tu cantas o peito, assentemos, Luiz, que tudo he huma parvoice, e que lá em cima os homens não se querem acabar de desenganar dos nossos destemperos, cada hum canta o que sabe, e enterra seu pai como póde, e elles a matarem-se com dissertações sobre o que nós dissémos

á tóa, ou furtamos a nosso salvo. Tu achaste em Claudiano o nome de Adamator, que bem isso he teu, e a Historia do apparecimento?... Boas rizadas deo cá o sublimissimo Estacio, quando lho apanhaste do segundo Livro da Achileida. A tua filha a pezar dos disparates que alli ajuntas, entre todos o mais solemne he a citação de hum verso Italiano, que o esganado Leonardo faz nos lombos de Efire, quando se estafava apôz ella?

Tragla spica, e la man qual mure è messo?

Isto faz-se, Luiz? Pois hum homem a correr atrás de huma maratona, e bisbilhoteira daquellas, que o abria dos peitos, póde lembrar-se de hum verso Italiano? Depois disso, não está por ahi Luiz Ariosto, que berrou de lhe impalmares a Ilha, e os Jardins de Alcina?

Luiz. Para que me argues tu do vicio da empalmação, a quem os teus Gregos Sparciatas chamarão